

Pecado Original

Walter Longo

Fruto de nossas origens lusitanas, e da influência de uma herança religiosa punitiva, o brasileiro desenvolveu seus usos e costumes, mais tarde transformados em lei, baseando-se na premissa que todo mundo é culpado até prova em contrário. Essa posição que hoje permeia toda nossa legislação e jurisprudência é também, infelizmente, uma máxima adotada pela imprensa de nosso país.

A sofreguidão motivada pela busca do furo, aliada a uma certa dose de irresponsabilidade macunaímica, leva nossa mídia por vezes a julgar, condenar, executar, enterrar e só depois analisar com mais calma o assunto, fato ou pessoa objeto da notícia. Temo que o denunciismo esteja assumindo posição de destaque no pódio do jornalismo brasileiro, premiando os afoitos e desvalorizando a prudência e profissionalismo da maioria. Não fosse isso, não teríamos nos envergonhado com o explosivo episódio da Escola da Aclimação, nem teríamos destruído tão irresponsavelmente o nome ou imagem de pessoas públicas que depois foram julgados inocentes. Pela Justiça ou pela História.

Muitas vezes esse massacre se dá através de códigos subliminares: expressões faciais e interjeições, na TV, ou o silêncio entrecortando frases, no rádio. É o espaço da insinuação, da dúvida que esconde uma velada delação, uma busca das entrelinhas como se ainda estivéssemos nos tempos da mais violenta censura.

Como se não bastasse essa síndrome nefasta que permeia o jornalismo brasileiro, observa-se agora de maneira crescente a tentativa de utilizar o humor como embalagem da notícia. Uma espécie de Cassetta e Planeta com ares de Jornal Nacional. Sabemos que em todo o mundo, a charge e a caricatura são usadas para criticar pessoas e situações através do humor. O problema é que se começa a fazer a mesma coisa, só que também por escrito.

Há uma disputa inútil entre os jornalistas políticos, esportivos e até publicitários para ver quem transforma aquele indivíduo ou fato no mais grotesco, quem aborda a faceta mais inusitada da notícia, esquecendo até o tema em si e suas dimensões.

Opinião, posição crítica, análise abrangente são elementos importantes que sempre marcaram a conduta da imprensa brasileira, que teve papel fundamental em momentos relevantes da nossa história. O problema surge quando o foco da atenção se muda para, por exemplo, a foto em que políticos estão com o dedo no nariz, ou fazendo careta ao mastigar. Trata-se da intimidade cotidiana do indivíduo devassada a serviço do nada. Sabemos que esse não é o centro da notícia, ou o que realmente interessa aos leitores. Afinal, a principal função de um jornal é informar, não divertir.

O quadro que Alexandre Garcia apresentava no Fantástico deixou de ser de ser uma caricatura do dia a dia em Brasília para tornar-se o retrato do que será a imprensa brasileira, caso essa tendência venha a predominar definitivamente. Hoje já encontramos jornais para os quais é mais importante quem xingou quem na tribuna ou caiu no plenário, do que as causas dessa ofensa ou as razões dessa queda.

A força da crítica e da denúncia está diretamente relacionada à sua capacidade de ser relevante, inesperada, única e verdadeira. Mas não podemos confundir liberdade de imprensa com libertinagem de informação. Notícia tem que ser dada sendo boa ou má, positiva ou negativa, contra este ou aquele partido, com ou sem as provas definitivas. Mas o respeito à pessoa, ao fato e a empresa ou instituição tem que ser mantido até que a justiça se pronuncie ou os fatos se comprovem.

Nada é mais vil, baixo e preconceituoso que a busca de fazer piada ou sensacionalismo à custa da reputação alheia. Ninguém aguenta mais. Nem quem é a notícia, nem o leitor ou telespectador. E está na hora de parar com isso!

P.S. Até hoje nunca fui objeto de qualquer atitude negativa da imprensa. Até por isso me sinto com liberdade de abordar esse tema.